

Apesar de tudo, nossa dívida preocupa os grandes.

José Carlos Santana, de Londres, especial para o JT

Conforme se esperava, os apelos feitos pelo Brasil e outros seis países latino-americanos aos participantes da conferência econômica de cúpula, para que estudassem uma "solução global" do problema da enorme dívida externa do Continente, foram praticamente ignorados. E se o presidente François Mitterrand e o primeiro-ministro Bettino Craxi não tivessem reagido e feito pé firme, nem mesmo as novas idéias surgidas na reunião de Filadélfia — entre funcionários do Fundo Monetário Internacional e da Reserva Federal norte-americana — teriam sido endossadas pelas sete nações mais ricas do mundo ocidental.

Quando a conferência começou, na manhã de sexta-feira, não se sabia ainda até que ponto os dirigentes da França e da Itália conseguiriam êxito em seus esforços para modificar a pauta elaborada sob a orientação e supervisão da primeira-ministra britânica. Uma pauta na qual se tomara todo o cuidado para evitar que surgisse qualquer desentendimento mais sério entre os sete líderes, e que pudesse prejudicar a imagem do presidente Reagan, neste ano de eleições nos Estados Unidos.

No setor econômico, segundo fontes diplomáticas e da City, o que se pretendia era dar toda a ênfase possível à estratégia de combate rigoroso da inflação como a melhor forma de manter e acelerar a recuperação da economia mundial. Naturalmente que o déficit orçamentário dos Estados Unidos e suas consequências na elevação das taxas de juros internacionais seriam temas inevitáveis de discussão, mas, se possível, deveriam aparecer o mais discretamente possível no comunicado final. A dívida da América Latina só subiria à tona se houvesse tempo disponível, o mesmo acontecendo com a questão dos altos índices de desemprego nas nações industrializadas.

No campo político, o desejo de Margaret Thatcher era de que a questão do terrorismo internacional fosse o grande tema, dominando inclusive o sério problema do controle de armamentos na Europa e a prolongada guerra do golfo Pérsico. O que aconteceu, segundo membros das delegações presentes, é que a dívida externa do Terceiro Mundo acabou tomando uma boa parte das discussões e houve desentendimentos sobre quase todos os assuntos da pauta.

Apesar dos esforços do presidente Mitterrand e do primeiro-ministro Bettino Craxi — a França e a Itália estão sob governo socialista, têm também suas dívidas e nem se comparam aos Estados Unidos e a Grã-Bretanha em termos de envolvimento com os débitos latino-americanos —, não surgiu uma só idéia nova para amenizar a situação dos países endividados do Terceiro Mundo. Mas, pelo menos o assunto foi discutido e prometeu-se incentivar os bancos e instituições financeiras internacionais a dar um tratamento especial às nações que conseguirem um bom desempenho de suas economias.

Economia

Na declaração final, os sete líderes apresentaram um plano de dez pontos para reforçar o desenvolvimento da economia, criar novos empregos e fazer com que a recuperação econômica beneficie igualmente as nações industrializadas e o Terceiro Mundo.

O primeiro deles engloba a adoção de uma política antiinflacionária, cortes nas taxas de juros, controle da expansão monetária, redução de déficits orçamentários. Sobre esta última medida, funcionários do governo britânico disseram que, apesar das críticas feitas aos Estados Unidos, "ninguém foi imprensado contra a parede". Mas membros da delegação francesa disseram, no Centro de imprensa, que houve uma discussão feia entre o ministro das Finanças da França, Jacques Delors, e o secretário do Tesouro norte-americano, Donald Regan. Delors teria dito que Regan não poderia admitir a conexão en-

tre o déficit orçamentário dos Estados Unidos e as altas taxas de juros, porque perderia o emprego.

O plano propõe ainda a eliminação de todos os obstáculos à criação de novos empregos, mediante o desenvolvimento dos setores industrial e de serviço; um maior entendimento sobre as mudanças econômicas necessárias; aumento do fluxo de recursos dos países industrializados para as nações em desenvolvimento; uma estratégia mais flexível no manejo da dívida externa do Terceiro Mundo, incluindo a oferta de prazos mais longos no reescalonamento dos débitos de países que tentarem e conseguirem melhor desempenho econômico; a aceleração dos progressos feitos pelos ministros das Finanças em direção a um sistema monetário internacional mais bem estruturado; melhorias na estabilidade do sistema financeiro internacional, mediante a adoção de uma política mais prudente, o fornecimento adequado de fundos às instituições financeiras mundiais e maior acesso aos mercados de capitais dos países industrializados; redução das barreiras comerciais e combate ao protecionismo; e a ativação dos programas destinados a uma maior liberalização do comércio mundial.

O presidente Reagan e o primeiro-ministro Yasuhiro Nakasone tentaram obter um compromisso dos demais participantes da conferência para se iniciar logo — se possível, nos primeiros meses do ano que vem — negociações sobre cortes tarifários sob o Acordo Geral de Tarifas e Comércio de 1949. Mas não houve acordo com relação a datas.

Política

No que diz respeito ao setor político, a décima conferência dos chamados grandes da economia mundial, também não foi muito longe. A questão do terrorismo foi relegada, praticamente, a uma declaração pessoal da primeira-ministra Margaret Thatcher, aprovada inteiramente pelo presidente Reagan mas vista com certa reserva pela maioria dos participantes. De qualquer forma, o documento — divulgado separadamente — contém cinco propostas destinadas a inibir o terrorismo, entre as quais uma maior colaboração entre a polícia dos países europeus mais afetados e uma melhor utilização dos termos da Convenção de Viena, sobretudo para redução do número de funcionários das embassadas.

A questão do relacionamento com a União Soviética também provocou muita discussão. De um lado ficaram o presidente Reagan e a primeira-ministra Margaret Thatcher, e de outro o primeiro-ministro Helmut Kohl e o seu colega canadense, Pierre Trudeau. No final, foi feito apenas um apelo aos russos para que retornem à mesa de negociações sobre o controle de armamentos na Europa e a redução e eliminação das armas nucleares.

No que diz respeito à guerra entre Iraque e Irã, também não se chegou a um acordo sobre o que fazer contra os ataques que vêm sendo feitos a navios mercantes nas águas do golfo. E, desse modo, foi feito apenas um apelo aos dois países para que cessem tais ataques.

Mais uma vez, como vem acontecendo já há alguns anos, não faltaram críticas aos resultados da conferência de cúpula. Enquanto os sete líderes participavam do banquete com a rainha Elizabeth II, no Palácio de Buckingham, Roy Jenkins, ex-líder do Partido Social-Democrata, e ex-presidente do Mercado Comum Europeu, dizia na televisão que "a conferência foi mais um show para a mídia de Margaret Thatcher e Reagan, do que outra coisa".

O vice-líder do Partido Trabalhista, Roy Hattersley, declarou-se chocado com o fato de os sete líderes terem perdido a oportunidade de tratar seriamente um dos problemas mais sérios que o mundo enfrenta no momento, que é a questão da dívida do Terceiro Mundo e a ameaça ao sistema bancário. (Veja também editorial na página 4).